

UMA LEITURA DA INTRODUÇÃO DA ARTE DA GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA DE REIS LOBATO (1770)

1. Quem é Reis Lobato?

Sobre a vida de António José dos Reis Lobato, nada se sabe até ao momento. Encontramos em Inocêncio Silva¹ alguns dados e em Leite de Vasconcelos apenas um indício² sobre a vida deste gramático.

Inocêncio Silva, na obra citada, afirma «Ainda ignoro a sua naturalidade e nascimento, bem como a data precisa do seu óbito. Poude apenas colligir que falecera nos primeiros annos do corrente seculo, havendo quasi a certeza de que era já morto em 1804». Afirma ter sido cavaleiro da Ordem de Cristo e bacharel, provavelmente em Leis, pela Universidade de Coimbra³.

José Leite de Vasconcelos na obra referenciada dá-nos uma indicação temporal que se nos afigura como relevante: «REIS LOBATO (1721) foi em gramática um instrumento do Marquês de Pombal»⁴.

Tomando a data de 1721, como a data de nascimento, partimos para a pesquisa biográfica do autor em estudo. Deslocámo-nos, primeiramente, ao Arquivo da Universidade de Coimbra e na leitura atenta e demorada dos livros de matriculas de Leis e Cânones a partir de 1730, dado que tomámos como provável a data de 1721 para o seu nascimento, não encon-

¹ Cf. SILVA, Inocêncio — *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1873, vol. I, p. 175.

² Cf. VASCONCELOS, J. Leite de — *Opúsculo IV*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1929 p. 867.

³ Cf. SILVA, Inocêncio — *O. c.*, p. 175.

⁴ Cf. VASCONCELOS, J. Leite de — *O. c.*, p. 867.

trámos nenhuma matrícula com o nome de António José dos Reis Lobato; encontrámos uma matrícula com o nome de António José Lobato, natural de Abrantes e Bacharel em 1736, em cânones; uma outra com o nome de António José dos Reis, natural de Arrifana do Sousa, bacharel em cânones, em 1736, tendo concluído a formatura em 1737; uma outra com o nome de António José dos Reis, natural de Lavarrabos (hoje Ceoga do Campo) — Coimbra, com bacharelato em Leis concluído em 1762; por último encontrámos uma matrícula correspondente ao nome António José dos Reis, natural de Lisboa, tendo concluído o Bacharelato em cânones em 1752.

De todas estas hipóteses de investigação aquela que mereceu mais atenção da nossa parte foi esta última, porque correspondia de alguma forma à data de nascimento levantada por Leite de Vasconcelos.

Na Torre do Tombo verificaram-se os registos de nascimento de todas as freguesias de Lisboa, com enfoque especial em 1721, mas não descurando outras datas e, por isso, fez-se a pesquisa de 1715 a 1728. Das doze freguesias de Lisboa de então: Anjos, Benfica, Conceição Nova, Pena, Salvados, St.^a Engrácia, St.^a Justa, St.^a Maria dos Olivais, Santos-o-Velho, Socorro, S. Sebastião de Pedreira e Sé⁵, nada encontrámos sobre o nascimento de António José dos Reis Lobato.

Ainda na Torre do Tombo, e seguindo a indicação dada por Inocêncio Silva, procurámos nos livros da Ordem de Cristo dados sobre o autor, o mesmo acontecendo na consulta feita do Livro das Mercês e das Chancelarias Régias de D. João V e D. José e no livro de matrículas da Universidade — Mesa da Consciência e Ordens — Universidade de Coimbra⁶.

Depois de concluída toda esta pesquisa, podíamos admitir:

1 — A existência de Reis Lobato, sem que tivéssemos descortinado, até ao momento, qualquer dado que nos provasse tal.

2 — Que o nome António José dos Reis Lobato fosse um pseudónimo, o que era muito vulgar fazer-se na época.

⁵ Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Livros n.º 5 — caixa 3; n.º 2 — caixa 2; n.º 5 — caixa 5; n.º 8 — caixa 2; n.º 1 — caixa 2; n.º 5 — caixa 4; n.º 11 — caixa 3; n.º 12 — caixa 4 e n.º 13 — caixa 4; n.º 7 — caixa 2; n.º 3 — caixa 2; n.º 9 — caixa 3.

⁶ Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Maço 5, Caixa 127.

Do confronto textual do texto de Lobato⁷ e do texto de António Pereira de Figueiredo⁸, mais o acervo documental que possuímos⁹, podemos afirmar que António José dos Reis Lobato é um pseudónimo de António Pereira de Figueiredo.

Inocência Silva tinha conhecimento da existência de um *Elogio* ao Marquês de Pombal¹⁰ da autoria de Reis Lobato a que acrescentámos nós dois outros. Destes, há um deles, o manuscrito, que estranhamente não contém a assinatura do seu autor, contrastando com a presença do seu nome na primeira folha, sob a forma seguinte «Pelo Bacharel António José dos Reis Lobato «*Os Elogios* são os três dedicados ao Marquês de Pombal, o primeiro impresso em 1772, em Lisboa, o segundo, manuscrito, é de 1773 e o terceiro é de 1882, impresso para o início das comemorações do centenário do Marquês de Pombal, pela associação académica de Lisboa, em Lisboa, e é a junção dos dois primeiros.

⁷ Cf. LOBATO, António Jose dos Reis — *Arte da Grammatica da lingua portugueza*. — composta e offerecida ao Il.mo sr. Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquez de Pombal, etc., Lisboa, na Reg. Off. Imp., 1770. (1.ª edição). Coleccionámos 39 edições desta obra.

⁸ Cf. FIGUEIREDO, Antonio Pereira de — *Novo methodo de grammatica latina, para uso das escolhas da Congregação do Oratorio na Real Casa de N. Senhora das Necessidades. Ordenado e composto pela mesma Congregação*. — Lisboa, na Off. de Miguel Rodrigues, 1752. 8.º de cvii-319 p. [BNL: L. 439 / 40 P] — *Parte segunda: Syntaxe*, Ibi, na mesma Off., 1753. 8.º (com um prólogo, em que refuta o papel intitulado “Mercurio Grammatical”). [BNL: L. 416 / 17 P.] — Segunda edição, em um só volume (e do mesmo modo continuou a sair nas seguintes). Ibi, na mesma Off., 1754. 8.º — Terceira edição: Ibi, na Off. de Francisco Luis Ameno, 1756. 8.º (No prólogo da Syntaxe se cortou o que dizia respeito ao “Mercurio Grammatical”. — Foi a primeira publicada com o nome do auctor.) [B.M.P.1-3-48/49]; [BNL: 12.898 P.] — *Novo methodo de grammatica latina, reduzido a compendio*. — Lisboa, na Off. de Miguel Rodrigues, 1758. 8.º Segunda edição para uso das escolhas d’este reino e suas conquistas por decreto de Sua Magestade. Ibi, na Off. de Francisco Luis Ameno, 1759. 8.º [B.M.P.:1-3-53] .

⁹ Cf. ASSUNÇÃO, Carlos Costa — *Para uma Gramatologia Portuguesa*, Dissertação de Doutoramento, 3 Vol., UTAD, 1996, III Vol., p. 1-43.

¹⁰ Cf. SILVA, Inocência — *O. c.*, p. 175.

2. A Introdução

A introdução de XXXII páginas, a nosso ver, é relevante por três razões: a primeira, porque Lobato faz a apologia da gramática em geral e do ensino da língua materna; a segunda, reside no facto de o autor indicar as suas fontes e mostrar conhecimentos de erudição ao referenciar os gramáticos mais destacados do panorama europeu; a terceira, consiste na apresentação, numa perspectiva diacrónica, e num tom talvez hipercrítico em alguns casos errado, de uma resenha histórica da gramatologia portuguesa.

2.1. Reis Lobato e o ensino/aprendizagem da língua materna

Lobato defende a aprendizagem da gramática da língua materna lembrando que já os antigos Romanos ensinavam a gramática da língua latina, o que se traduzia em falar a língua com correcção por um lado e a de perceberem o seu funcionamento e o funcionamento das línguas estrangeiras por outro, estando assim os alunos melhor preparados para aprenderem com muita facilidade qualquer outra língua.

A gramática da língua materna será a base de suporte para a aprendizagem de qualquer língua, opinião já defendida por Amaro de Roboredo: «E vir-se-ha a facilitar mais o commercio entre as Nações, e a descobrir muitas propriedades da lingua estranha, fazendo da materna quasi regra commum: como por exemplo, quem souber per Arte a Portugueza, ou Castelhana, discorrendo na Latina per semelhança, irá descobrindo hum concerto, propriedade, e methafora racional, e ainda, as irregularidades, e particulares modos de fallar, que o ignorante vulgo introduzio, e os quaes são certas quebras da arte, que sendo muito arreigadas, devemos usar. A razão he, que os Latinos erão homens, com os quaes concordamos na racionalidade, que encaminha o entendimento, e lingua a declarar o que sentimos: ainda que as palavras sejão diversas, assim cada huma per si como muitas juntas na razão da frase, contudo a união racional delas em todos he a mesma.»¹¹

¹¹ Cf. ROBOREDO, Amaro de — *Método Grammatical para todas as Linguas*, citado por Reis Lobato, *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, edição crítica de autoria de Carlos Assunção, dissertação de doutoramento *Para uma Gramatologia Portuguesa*, UTAD, 1996, 1.º vol., p. IX.

À semelhança do que fez D. João Caramuel, Lobato pugna pela criação de escolas onde se fale e aprenda a língua portuguesa, lembrando, a propósito, que o mesmo já tinha sido defendido por João de Barros, Amaro de Roboredo, Contador de Argote e António Félix Mendes: «E a lingua materna se ha primeiro ensinar per arte aos meninos. Para o que fora de muita importancia crear-se huma Cadeira ao menos nas Cortes e Universidades... Saberão os principiantes per arte em poucos annos, e melhor a lingua materna, que sem arte sabem mal per muitos annos com pouca certeza a poder de muito ouvir, e repetir... e serão mais certos, e apontados no que fallão, e escrevem. Terão mais copia de palavras e usarão dellas com mais propriedade. Porque per falta de regras, ainda nas Cortes e Universidades, se fallão e escrevem palavras necessitadas de emenda. Saberão per regra de compor, e derivar ampliar a lingua materna e ajuntar-lhe palavras externas com soffrivel corrução e formar outras, para que com menos rodeios se possam explicar os conceitos, e as sciencias, quando na materna se queirão explicar»¹². O gramático considera ser tarefa árdua, pois, na escola portuguesa de então, «os Mestres das escolas de ler de ordinario não tem instrucção necessaria para ensinarem a fallar, e escrever a lingua portugueza por principios»¹³. Esta falta de preparação é preocupante, pois os defeitos e os vícios aprendidos na tenra idade difficilmente se perdem. Neste sentido, Lobato advoga a criação de escolas e essencialmente o recrutamento de professores que tivessem perfeito conhecimento dos princípios da língua materna, uma vez que só estes seriam capazes «de illustrar aquelles tenros engenhos sepultados nas sombras da ignorancia natural»¹⁴. A aprendizagem decorreria de uma forma fácil: os alunos leriam «hum autor de historia Portugueza de frase pura, e facil» a que seguiria uma reflexão sobre o funcionamento da língua onde vissem praticadas e explicadas as regras. Esta forma de ensinar permitiria à criança não só aprender a língua materna como também ficar com cultura da História de Portugal que, aperfeiçoadas na adolescência, permitiriam ao país ficar com «sujeitos capazes para exercerem os officios publicos de

¹² Cf. ROBOREDO, Amaro de — *Método Grammatical para todas as Linguas*, citado por LOBATO, Reis — *O. c.*, p. X-XI

¹³ *Idem*, p. XI

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. XII.

escrever nos Auditorios, Tribunaes e Secretarias, sem a imperfeição de fallarem, e escreverem a lingua portugueza com erros, que commumente se não nos que servem os sobreditos empregos»¹⁵. Para o autor, este estado caótico da aprendizagem da lingua materna radica no desprezo pelo ensino da gramática vernácula e naqueles que consideram supérfluo o seu ensino e só com a reforma do ensino feita no reinado de D. José, sob a orientação do Marquês de Pombal, foi possível dar um salto qualitativo pois foram criadas novas escolas com novos professores. É dentro deste espirito que Lobato escreve a sua obra.

Com efeito, Reis Lobato começa por indicar os objectivos norteadores da sua gramática «Por duas razões se faz indispensavelmente precisa a noticia da Grammatica da lingua materna: primeira, para se fallar sem erros; segunda, para se saberem os fundamentos da lingua, que se falla usualmente.»¹⁶

Mostra ter conhecimento dos franceses Restaut e Buffier, dos ingleses Peli e Martin, dos italianos Benedito Dogacci e Salvador Corticelli, dos castelhanos Nebrija, Gonçalo Correas e Bento Martins Gomes Gaioso; para além destes faz referência aos gramáticos latinos Sánchez, Vóssio, Perizônio, Escalígero, Schioppio e Lancelot¹⁷. Estes últimos autores são citados, ao longo da introdução, várias vezes.

¹⁵ *Ibidem*, p. XIII.

¹⁶ Cf. LOBATO, Reis — *O. c.*, p. VII.

¹⁷ Indicaremos as obras principais destes autores: Pierre Restaut, *Principes généraux et raisonnés de la Grammaire Française, par demandes et par response* (1730); Buffier, *La Grammaire Française sur un plan nouveau. Pour en rendre les principes plus clairs et la pratique plus aisée*, Paris (1709); Daniel Martin, *Grammatica Gallica, cum syntaxi concimata in usum juventutis, potissimum germanicae* (1619); Salvadore Corticelli, *Regole ed osservazioni della lingua toscana ridotte a metodo ed in tre libri*; A. Nebrija, *Gramatica de la lengua Castellana*; Gonçalo Correas, *Trilingue de tres artes de las tres lenguas Castellana, latina, i griega, todas en Romance*; F. Sánchez de las Brozas, *Minerva, seu de causis linguae latinae* (1587); Gerard João Vóssio, *De arte grammatica libri septem* (1635); Júlio César Escalígero, *De causis linguae latinae libri tredecim* (1540); Schioppio, *Grammatica Philosophica* (1659); Claude Lancelot e Antoine Arnauld, *Grammaire générale et raisonnée* (1660).

2.2. Lobato e seus predecessores

2.2.1. Lobato e os gramáticos quinhentistas

Fernão de Oliveira¹⁸ e João de Barros¹⁹ são citados logo na segunda página da introdução. Da *Gramática da Linguagem Portuguesa* apenas refere: «Em primeiro lugar a Arte de Fernão de Oliveira, impressa em Lisboa no anno de 1552, com o titulo: Grammatica da *Linguagem Por-*

¹⁸ Cf. OLIVEIRA, Fernão de — *Grammatica da lingoagem portugueza...* — no verso do rosto: *Esta he a primeira anotação...* — Em Lixboa: e[m] casa de Germão Galharde, 27 de Janeiro de 1536. [38] f.; 4.º (20 cm) [BNL: L. RES. 274 V.] — idem, 3.ª ed. feita de harmonia com a 1.ª (1536) sob a direcção de Rodrigo de Sá Nogueira; seguida de um estudo e de um glossário de Aníbal Ferreira Henriques, Lisboa, José Fernandes Junior, 1933, 142 págs.; 23 cm. [B.M.P.:P'-5-137]; [BNL: L. 12.299 V.] — idem, introd., leitura actualizada e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975, 145 págs.; 23 cm. [B.M.P.:F£ £ -5-256 e F£ £ -5-84]; [BNL: L. 24.324 V.]; — *Gramática da linguagem portuguesa* — 2.ª ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981, 82 págs. facsímile, 21 cm. Edição fac-similada da ed. de Lisboa, Fernão Galharde, 1536 [B.M.P. F£ £ -7-379 e O§ -7-2]; [BNL: L. 29.974 V.] — *Grammatica da Linguagem Portugueza*, 2.ª edição conforme a de 1536: publicada por diligencias e trabalho do Visconde d'Azevedo e Tito de Noronha. Porto, Impr. Portugueza, 1871, 1 vol. 8.º pequeno [N.C. (num quadrado e a vermelho) B.M.P.:S'-2-8]; [BNL: L. 15.156 P. e L. 4. 987 P.] — Vd. os *Anaes das Sciencias, das Artes, e das Letras, Paris, 1818* — no tomo IV, parte 2.ª de p. 3 a 13.

¹⁹ Cf. BARROS, João de — *Grammatica da Lingua Portugueza*. — Olyssipone, apud Ludouicum Rotorigiu Typographum, M.D.XL. [o único (?) ex. da 1.ª ed. existe na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro] — Ahi mesmo vem: *Dialogo em louvor da nossa linguagem no qual são interlocutores Barros e um seu filho*. [U.C. SP — Ad — 2- 30] [na Biblioteca Publica e Arquivo Distrital de Évora existe um exemplar com esta indicação: GRAM- / MATICA / da lingua Por- / tuguesa (e) DIALOGO EM / LOUVOR DA NOSSA 7 LINGUAGEM. — 1540 — (M. D. XL.) — OLYSSIPONE. Apud Ludouicum Rotori- / gium Typographum. — 1 vol. enc. / in 8º. / 146 X 92 / 60 fls. / caracts. itáls. e roms. / c. tits. cors. / c. nots. margs. / rècls. / cap. orn. / port. grav. / m. imp. no colof. — Ans. 1019 — cota: séc. XVI, 6111 (Manis.); há um ex. na B. Ajuda]. [tb. na B.M.P.: P-6-7] [FLUP:] — 3ª ed. organizada por José Pedro Machado, Lisboa, Tip. Soc. Astória Lda., 1957 1 vol. xv-70 págs. 173 x 121 [B.M.P.:R¶¶ -1-16]; [BNL: L. 14.793 V.] — idem, reprodução e anotações de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras de Lisboa, 1971, 1 vol. Lxxxv-482 págs. 165 x 110 págs. [B.M.P.:R ¶ -10-25]; [BNL: L. 23.613 V.].

tugueza, não pôde ter o nome de Grammatica, porque contém sómente humma breve noticia das letras, e seus sons, e humma confusa idéa da declinação dos nomes.»²⁰, o que é subavaliar aquele que é considerado um dos maiores gramáticos de todos os tempos das línguas românicas²¹.

Parece-nos que terá acontecido o mesmo em relação à obra de João de Barros pois dela dá curta informação e depreciativa: «A Arte de João de Barros, impressa em Lisboa no anno de 1540, he muito breve, pois não dá perfeita idéa do que he Grammatica, por não tratar das partes do discurso com a extensão, e clareza necessaria: e além disso contém alguns erros grandes, como he dar vocativo ao Pronome Eu, ensinando a dizer-se no singular *ó Eu*, e no plural *ó Nós*»²².

2.2.2. Lobato e os gramáticos seiscentistas

Relativamente a Amaro de Roboredo²³ e ao seu *Methodo Grammatical para todas as Linguas*, Lobato tem muita mais informação e não deixa de ser significativo, por um lado, o facto de todas as notas de pé de página da introdução serem extraídas da referida obra; por outro, também são apontadas críticas a Roboredo, ainda que não tenham a dureza das anteriores: «Amaro de Roboredo no seu *Methodo Grammatical para todas as linguas*, impresso em Lisboa em 1619, trata da Grammatica Portugueza para melhor intelligencia da Latina; porém não dá a necessaria noticia das diversas declinações dos Nomes, e Conjugações dos Verbos, assim regula-

²⁰ Cf. LOBATO, Reis — *O. c.*, p. XVII.

²¹ Cf. COSERIU, Eugenio — *Língua e Funcionalidade em F. de Oliveira*, S. Paulo, 1990, p. 44. Coseriu a propósito de Oliveira diz: “merece um lugar de considerável destaque na história da linguística românica e na linguística em geral. Ele é, depois de Nebrija, um dos gramáticos mais originais (em certo sentido o mais original) e o mais importante foneticista da Renascença na România. As suas ideias na lexicologia e naquilo, a que hoje se chama sociolinguística são notáveis e a sua contribuição para o tratamento funcional das línguas na linguística descritiva é a de um grande precursor”.

²² LOBATO, Reis — *O. c.*, p. XVII.

²³ Cf. ROBOREDO, Amaro de — *Methodo grammatical para todas as linguas*. Consta de tres partes: 1.^a Grammatica exemplificada na portugueza e latina; 2.^a. Cópia de palavras exemplificadas na latina; 3.^a Phrase exemplificada na latina, etc., Lisboa, por Pedro Craesbeek, 1619. 4.^o de xxxii-241 pp. e mais 7 no fim de numerações. [B.M.P.:I-3-20]; [BNL: L. 148 V.].

res, como irregulares, admitindo também por preposições muitas palavras, que o não são. No Tratado da Syntaxe tem muitos defeitos por querer regular quasi em tudo a Syntaxe Portugueza pela Latina»²⁴. É curioso notar que Reis Lobato acaba por cair também nesse último erro ao igualar a syntaxe portuguesa à latina.

Da arte de Bento Pereira²⁵ tem uma opinião comprometedora, até mesmo errada, porque, segundo Lobato, só tem defeitos. Lobato queria criticar Álvares, mas como não teria argumentos para o fazer, até porque o seguiu em alguns aspectos, aproveita um dos seus mais directos seguidores e faz uma apreciação hipercrítica negativa e bastante alongada com o apontar exacerbado de defeitos aos trabalhos de Bento Pereira, pretendendo «arrumar «a gramática de Álvares, aludindo aos bons exemplos das gramáticas de Sánchez, Perizónio, Vóssio, entre outros já acima referenciados. Da gramática de Álvares existem apenas três referências breves ainda que indiciadoras de defeitos. A gramática de Bento Pereira é criticada de uma forma excessiva, ao longo de oito páginas por ter seguido Álvares e João de Barros e não Sánchez, Vóssio, Perizónio e Schiöppio.

Com efeito, a preocupação máxima de Lobato é menosprezar a gramática do Padre Bento Pereira. O livro do Padre Bento é falho, de certo, mas a excelência de Lobato não é tanta, que lhe dê bastante autoridade para tão veementemente atacar o jesuíta. Praticando os métodos de Port-Royal, e falando muito em Sánchez, Perizónio e Vóssio, Lobato, em Portugal, torna-se o émulo do «cavalheiro das elipses», cujas teorias andavam em voga. Lobato atacou o Padre Bento quando deu vocativo ao pronome *eu*, seguindo neste engano, — diz Lobato — João de Barros. Dizendo Lobato que «sem socorro da Filosofia se não pode conhecer perfeitamente a natureza das partes da oração»²⁶, espera-se dele, natural-

²⁴ Cf. LOBATO, Reis — *O. c.*, p. XVII.

²⁵ Cf. PEREIRA, Bento — *Ars Grammaticae pro lingua lusitana addiscenda*, Lião, 1672. Lobato não critica a Prosódia do mesmo autor e apenas a referencia uma vez. Tem conhecimento da sua não aceitação pela corte. O valor desta obra é indiscutível, pois é um marco importante na história da língua e da cultura portuguesas. Sobre este assunto veja-se VERDELHO, Telmo — *Historiografia Linguística e Reforma do Ensino — A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal*, in «Revista Brigantia», vol. II, n.º 4, 1982, pp. 358 a 367; veja-se também ALMEIDA, Justino Mendes de — *Lexicógrafos portugueses da língua latina-3. A Prosódia de Bento Pereira*, in «Revista de Guimarães», vol. LXXVII, 1/1, Jan/Jun, 1967.

²⁶ Cf. LOBATO, António José dos Reis — *O. c.*, p. XXIX.

mente, uma novidade em gramática. Mas que nos dá? Um trabalho que não foge à rotina. Em sintaxe declara que a portuguesa é a mesma latina. Em matéria ortográfica, nada ensina, «por serem tantas as opiniões, quanto os escritores»²⁷. Ao embrulhar o ensino com o excesso de logicismo, principalmente em análise sintáctica, lança confusão onde parece haver clareza. Assim, querendo exemplificar uma visão nova que tem do vocativo, pega uma ode camoniana:

Oh bem afortunado
Tu, que alcançaste com lira toante
Orfeu, ser escutado
de fero Rhodamente,
E co'os teus olhos ver a doce amante!²⁸.

Diz Lobato que no vocativo quem está é *Orfeu* e não *tu*, porque a ordem natural da frase é: «Ó Orfeu, bem afortunado tu Orfeu, que alcançaste... «— onde *Orfeu*, oculto por elipse, concorda com *afortunado* e o *que*, referido a *Orfeu*, serve de nominativo de *alcançaste*. Conclui a explicação dizendo que *eu* e *tu* são relativos, porque trazem à memória o nome substantivo, e nas expressões *ó tu*, *ó vós* — os pronomes estão em nominativo e, em vocativo, os substantivos ocultos por elipse.

Naquele tempo da grande reforma do ensino, que trouxe fama a Pombal, um seu instrumento em gramática de tal modo se enrolava nas teorias, herdadas da *Minerva* de Sánchez, que o ensino, a nosso ver, não ficava muito distante do que outrora ministrara o jesuíta Padre Bento. As dezesseis cartas de Verney, no *Verdadeiro Método de Estudar*, não conseguiram apagar do espírito de Lobato as subtilezas escolásticas.

Outro ponto que merece ser distinguido na crítica de Lobato ao Padre Bento é a respeito da 2.^a pessoa do imperativo do verbo *haver*: *há tu*, *havei vós*. Retrucara Lobato dizendo que fôra melhor declarar a falta da 2.^a pessoa do singular no imperativo do *haver*, porque ninguém dela se vale. Ponderação justa e que faz de Lobato um observador fiel dos espanhóis, que já haviam abolido tal imperativo do verbo *haver*.

²⁷ *Idem*, p. XXXII.

²⁸ Cf. Cidade, H. — *Obras Completas de Luís de Camões*, 4 vols., Lisboa, 1955, V. II, p. 128. Em Lobato não vem transcrito o último verso.

2.2.3. Lobato e os gramáticos setecentistas

Lobato apenas referencia a obra de Contador de Argote²⁹: «Na Grammatica de D. Geronymo Contador de Argote se não achão na verdade tantas imperfeições, como se encontrão nos sobreditos Grammaticos; porque são melhores as suas definições, por ter seguido, como o mesmo Autor confessa, a Lami na sua Grammatica discursada, e as doutrinas do Methodo dos Padres da Congregação do Port-Royal. Além de que se trata a Syntaxe separadamente, o que de ordinario não fazem os Grammaticos de linguas vivas»³⁰ sendo também bastante crítico, em parte porque seguiu Álvares; aparecem, no entanto alguns elogios, ainda que diluidos, por seguir Lamy e Port-Royal.

2.3. Lobato e a Ortografia

Reis Lobato conclui a introdução afirmando que para não cair nos erros dos seus antecessores recorreu aos eruditos atrás citados, dando ênfase especial a Sánchez de las Brozas, admitindo, no entanto, que o critiquem, que indiquem os erros da sua gramática, em especial nas matérias de Ortografia: «Com esta fôrma organizei a presente Arte; e como nesta materia são sempre certos os descuidos, rogo a todos os Criticos, que tiverem porfeito conhecimento dos principios da lingua Portugueza, queiram ter o trabalho de mos advertirem; pois já daqui prometto que em outra impressão darei emendados os erros, assim os que for pelo tempo adiante descobrindo, como tambem os que me advertirem, declarando, se me for permitido, os nomes dos doutissimos Censores com as demonstrações do maior agradecimento devidas a hum tão grande beneficio»³¹.

²⁹ Cf. ARGOTE, Jeronymo Contador de — *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza*, Lisboa, na Offic. de Mathias Pereira da Silva & João Antunes Pedroso, 1721, 8.º de 228 p. [BNL: L. 614 P. — obra microfil. F.1.541]; [U.C. 1-(23)-21-277]- (Sahiu esta primeira edição com o nome do P. Caetano Maldonado da Gama). — Segunda edição, muito accrescentada e correcta. Ibi, na Offic. da Musica, 1725. 8.º de xxiv-356 p. [B.M.P.:K-2-154 e N°11-109]; [BNL: L. 601 / 602 P.] — (N'esta sahiu sob o nome verdadeiro do auctor). — Vern. latinoq. serm.. — Olyssip. 1728 (S.B.L.).

³⁰ Cf. LOBATO, Reis — *O. c.*, p. XXIV.

³¹ *Idem, ibidem*, p. XXX.

Lobato promete publicar em separado um tratado de ortografia, o que não deverá ter acontecido, nada existindo sobre tal assunto da sua autoria; o autor da *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* considerava ser necessário um tratado só para a ortografia: «Advertindo porém que em materia de Orthografia, se me apartar das regras, que alguns seguem, ninguém repute isto por erro, por serem nesta materia tantas as opiniões, quantos os Escritores. Com justa razão julguei que devia seguir a Orthografia, que vejo usada pela Corte, reservando para o Tratado desta, que brevemente darei ao público, o dizer o que sinto nesta materia. Não cause reparo promettello separado da presente Arte, por quanto me conformo com o costume dos Grammaticos, que nas Artes não tratão da Orthografia, sem embargo de ser huma das partes, de que consta a Grammatica; e isto sem dúvida pela razão de ser a Orthografia por si só materia bastante para fazer hum Tratado separado»³².

2.4. Conceito de Gramática

Lobato define gramática portuguesa como «a Arte, que ensina a fazer sem erros a oração Portugueza.»³³, concluindo «ser a oração Portugueza o fim das regras da Grammatica Portugueza»³⁴. Desta nota se conclui ter bebido o autor em Sanchez de las Brozas que define a gramática «La oración o es el fin de la gramática»³⁵. Lobato acrescenta ainda que «da oração Portugueza são partes as palavras, ou vozes Portuguezas»³⁶. A mesma definição dá Figueiredo na sua gramática latina: «A grammatica Latina he huma Arte, ou Collecção de Regras, e preceitos, que ensinão a fazer com acerto e livre de erros a Oração Latina... Desta Oração, que he a fim da grammatica são partes as vozes, as syllabas, e as letras»³⁷.

³² *Idem, ibidem*, p. XXX-XXXI.

³³ *Idem, ibidem*, p. 1.

³⁴ *Idem, ibidem*, p.1.

³⁵ Cf. SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francis — *Minerva seu de causis linguae latinae*, trad. de F. Ribera Cárdenas, Ed. Cátedra, 1976, p. 48.

³⁶ LOBATO, Reis — *O. c.*, p. 2.

³⁷ *Idem*, p. 1.

Com efeito esta concepção de gramática é marcadamente latinizante e afasta-se muito do conceito de gramática da Europa iluminista onde os gramáticos apresentavam, *mutatis mutandis*, o mesmo conceito — arte que ensina a falar e a escrever com correcção.

2.4.1. A Gramática como Arte

A preocupação em alcançar um estatuto científico para a gramática não é uma preocupação apenas do Renascimento ou do Iluminismo. Foi uma constante ao longo de todas as épocas, ainda que se tenha manifestado com mais acuidade nesses períodos.

Com efeito para muitos dos gramáticos do Renascimento, quer gramáticos latinos, quer gramáticos das línguas vulgares, a gramática aparecia como «ars pure loquendi scribendique», mas Escalígero, guiado pelo racionalismo aristotélico apresenta a gramática como «nam quod addunt, recte scribendique artem esse: bis peccat, neque enim est ars, sed scientia»³⁸, advogando, assim, para a gramática um estatuto de ciência. Estava lançado o mote para uma discussão que durou séculos ganhando defensores e antagonistas ao longo dos tempos, quer uma, quer outra: para uns o *usus* prevalecia sobre a *ratio*, para outros era a *ratio* que prevalecia sobre o *usus*.

Foi no Renascimento que a discussão mais se acentuou. Sendo o *usus* uma característica principal do Humanismo gramatical do século XV, aparecendo a gramática mais descritiva e com uma finalidade didáctica imediata, começa-se a pensar que este caminho se terá esgotado e aparecem os gramáticos racionalistas. Assim, e no século XVI, o critério do *usus* já não é suficiente para se construir uma gramática de uma língua qualquer; é necessário explicar o porquê.

A verdadeira mudança de perspectiva surge em Escalígero na sua obra *De causis linguae latinae* onde se pretende sustentar com fundamentos de ordem filosófica toda a tradição anterior. O autor está convicto de que a gramática é um ramo da filosofia «cuius profecto indico grammati-

³⁸ Cf. ESCALÍGERO, J. C. — *De causis linguae latinae*, lib. I, cap.1, citado por LOZANO GUILLÉN, Carmen — *Apportación gramatical renascentista a la luz de la tradición*, Valladolid, Secretariado de Publicaciones, Universidade de Valladolid, 1992, p. 47.

cam non solum esse philosophiae partem, id quod nam sanus negat, sed nec ab eius quidem cognotione dissolui posse intelligeremus.»³⁹

Sem negar em nenhum momento o *usus*, Escalígero e seus seguidores pretendem adicionar a esse critério um outro, o da *ratio*, considerado, como já tinha sido por Aristóteles, o instrumento de todas as ciências «Eteniam quo pacto manus instrumentorum instrumentum est: sic ratio scientiarum.»⁴⁰

Desta forma, a partir de Escalígero, a gramática volta a recuperar a *ratio* que havia perdido na primeira geração de humanistas.

Manuel Álvares, na sua gramática latina, segue mais os primeiros humanistas, sem no entanto descuidar os segundos. Álvares «ocupa um lugar que se não é de equilíbrio, por causa da sua louvável tendência humanística para um dos lados (o do *usus*), pode dizer-se dizer-se situado inteligentemente entre a *ratio* e o *usus*.»⁴¹

Existem frases, ao longo do seu texto gramatical, que justificam o que afirmámos: «Não se esteja demasiado solícito em investigar as razões, porquanto mais do que a razão interessam a vontade e o uso dos melhores autores, vontade e uso preferíveis às leis de todos os gramáticos»; «contentem-se os jovens com o conhecimento da sintaxe e deixem a substância aos dialécticos»; «E assim, na míngua de leis gramaticais seguras por parte dos peritos, observaremos e guardaremos diligentes o que espontânea e elegantemente nos disseram, a fim de o propormos à nossa imitação, sem necessidade de confronto com a estreiteza da norma gramatical»; «Resta ver, pois, se as partes da oração se coadunam entre si, tal como exige o modo correcto (*recta ratio*) da gramática.»⁴²

No século XVIII, em Portugal, a bipolarização também se faz notar: a gramática como ciência e como arte, embora tenha prevalecido na maioria dos gramáticos, quer latinos, quer portugueses o conceito de gramática como arte, significando arte a faculdade de prescrever regras e preceitos para fazer com correcção as coisas.

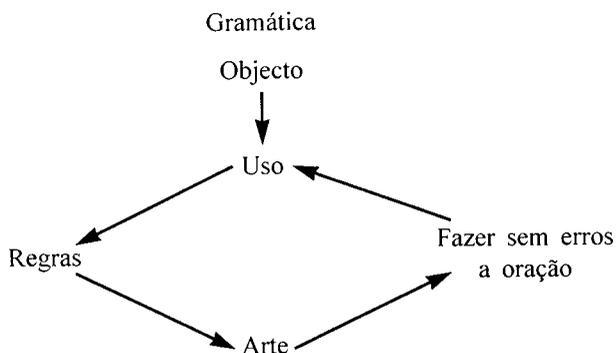
³⁹ *Idem, ibidem*, p. 48.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 48.

⁴¹ Cf. TORRES, Amadeu Rodrigues — *Humanismo Inaciano e Artes da Gramática — Manuel Álvares entre a "Ratio" e o "Usus"*, in Separata dos "Anais", II Série, Vol. 32, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1988, p. 22.

⁴² *Idem, ibidem*, p. 21-22. A selecção das frases e a sua tradução são de autoria de Amadeu Torres.

Esta concepção de gramática aparece também em Reis Lobato que a define como «arte, que ensina a fazer sem erros a oração portugueza»⁴³, encontrando a gramática a sua razão de ser no uso donde derivam e incidem todas as regras:



Estamos perante uma concepção de gramática cuja finalidade é manifestamente prática, o *usus*. Na verdade, Lobato, logo no início da Introdução à sua *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, dá-nos essa visão: «Por duas razões se faz indispensavelmente precisa a noticia da grammatica da lingua materna: primeira, para se fallar sem erros: segunda, para se saberem os fundamentos da lingua, que se falla usualmente.»⁴⁴

2.4.2. Partes da Oração

As partes da oração, *partes orationes*, é uma designação vulgar para referir classes de palavras e vem já dos antigos gregos, sendo melhor sistematizada por Prisciano.

Com efeito, Prisciano divide a gramática em *nomen, interjectio, adverbium, verbum, participium, praepositio, conjunctio, prae-nomen*, divisão seguida por muitos dos gramáticos latinos posteriores, como Escalígero, Nebrija e Álvares. Esta tradição latina não é seguida por Sánchez de las Brozas, que segue a tradição grega, dividindo a gramática em apenas três classes — nome, verbo e dicção —, no que é seguido por Buffier

⁴³ Cf. LOBATO, Reis — *O. c.*, p. 1.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. VII.

e por muitos gramáticos racionalistas, criando-se assim os princípios para a gramática filosófica de Port-Royal e seus seguidores.

O facto de uns gramáticos seguirem a tradição latina e outros a tradição grega deveu-se em grande parte à proliferação de línguas vulgares durante o Renascimento, o que originou uma grande disparidade doutrinal entre os autores, levando à criação de um quadro de doutrinas nada homogéneo no que respeita às partes da oração.

Com efeito esta grande variedade de opiniões residia no facto de alguns gramáticos considerarem o pronome e o particípio como categorias independentes; outros diferenciavam artigo de pronome, advérbio da interjeição e alguns mesmo consideravam a interjeição como a principal e a primeira parte da oração, como o fez Escalígero.

A doutrina das partes da oração apareceu em duas grandes classificações: a dos gramáticos que, de acordo com a tradição latina, distinguiam oito partes e a daqueles que, de acordo com com uma concepção racionalista da língua, as reduziam a três. Esta última corrente dominou as gramáticas de finais do século XVII e princípios do século XVIII, período de um racionalismo linguístico, que tinham como suporte principal, para além de Aristóteles, o racionalismo cartesiano.

Reis Lobato opta pela primeira classificação e afasta-se bastante do logicismo que o racionalismo de Descartes tinha incutido nas gramáticas. Essa influência só será decisiva, em Portugal, na gramática de Jerónimo Soares Barbosa, uma gramática filosófica.

A *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* divide-se em quatro partes, como o fizera Álvares dois séculos antes, mas apenas uma aparece desenvolvida, a etimologia⁴⁵, e outra, a sintaxe, embora latina, com algum desenvolvimento. Tanto a ortografia como a prosódia aparecem pouco desenvolvidas. É de notar que logo a seguir à definição de gramática, Lobato à semelhança do que já fizera o Brocense, parte para as partes do discurso⁴⁶. Se compararmos a este nível a gramática da GRAE⁴⁷, também

⁴⁵ Etimologia designou até ao século XIX uma parte da gramática cujos limites coincidem, *grosso modo*, com os da moderna morfologia. Aquela mesma palavra também alterna com Analogia.

⁴⁶ Cf. SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, F. — *O. c.*, p. 48, citado por TORRES, Amadeu — *A Gramática Filosófica de Bernardo Lima e Mello Bacelar*, p. 19.

⁴⁷ Real Academia Espanhola, *Gramática de la lengua Castellana*. Compuesta por la Real Academia Española, Madrid, 1.ª ed., 1771, 1 vol. xxv-473 pags., edição facsímil de Ramon Sarmiento, Madrid, 1984.

ela subsidiária da de Sánchez e da de Petrus Ramus, publicada em 1771, dividida em Analogia, Sintaxis, Prosodia e Ortografia, maior é a semelhança com a de Lobato porquanto não trabalha nem a ortografia, nem a prosódia. Esta divisão mantém-se até à edição de 1920 e verifica-se também em mais alguns gramáticos castelhanos do século XIX⁴⁸.

3. Conclusão

Há mais de dois séculos, quando a *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa* viu a luz pela primeira vez foi com o intuito de servir a todos os portugueses na sua instrução e de uniformizar, porque imposta pelo reino, todo o ensino da língua materna. E é esta talvez a maior inovação da obra de Lobato. Seguindo, ou pretendendo seguir, os métodos mais avançados das gramáticas iluministas europeias, a obra, em estudo, fica ainda muito arreigada às gramáticas latinas.

A tentativa de resposta àquelas gramáticas, que bruxuleavam um pouco por toda a Europa, fica aquém das expectativas: esperava-se mais. No entanto, a nível da simplicidade, da clareza, a nível do estudo da gramática da própria língua, sabendo-a por princípios ou regras comuns a todas as línguas, a nível da sua divulgação nas escolas de todo o Reino, representa um marco e por isso deve ser mais lida e mais estudada.

Com efeito, se assistimos, em Portugal, na segunda metade do século XVIII, a consideráveis mudanças nos hábitos dos utentes da língua, a nível da escrita e da leitura, devêmo-lo muito a Reis Lobato. Foi por esta gramática simples que aprenderam os grandes escritores de finais do século XVIII e primeira metade do século XIX e que se formaram homens instruídos para os cargos administrativos desses tempos.

Carlos da Costa Assunção

(U. T. A. D.)

⁴⁸ Cf. CALERO VAQUERA, María Luisa — *Historia de la Gramática Española*, (1847-1920, de A. Bello a Lenz), Madrid, Ed. Gredos, 1986, pp. 41-43.